

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALINE EVANGELISTA MARTINS,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALINE EVANGELISTA MARTINS,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO
**UM RIO CHAMADO TEMPO,
UMA CASA CHAMADA TERRA**

AUTOR
MIA COUTO

TEMAS
**FICÇÃO, MISTÉRIO E FANTASIA;
PROTAGONISMO JUVENIL**

GÊNERO LITERÁRIO
ROMANCE



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luiza Couto

Maitê Acunzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Martins, Aline Evangelista

Material digital do professor — Um rio chamado tempo,
uma casa chamada terra / Aline Evangelista Martins ; coor-
denação de Maria Fatima da Fonseca ; CEDAC. — 1ª ed. —
São Paulo : Bonifácio, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-88894-06-4

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Couto, Mia.
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. III. Fon-
seca, Maria Fatima da. IV. CEDAC.

21-0705

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA BONIFÁCIO LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 71

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3561

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Proposta de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **11**

Pré-leitura, 14

Leitura, 17

Pós-leitura, 25

Proposta de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **27**

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 27

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **36**

Sugestões de referências complementares, **40**

Bibliografia comentada, **41**

Obras citadas, **44**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em pro-

por situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Mia Couto (1955) nasceu e cresceu na Beira, capital da província de Sofala, na região central de Moçambique, e lá viveu até os dezessete anos, quando deixou a casa da infância para juntar-se à luta pela independência de seu país. Começou a produzir literatura muito cedo, influenciado pelo pai, que era poeta e jornalista. Ao recordar-se da infância na Beira, Mia Couto comenta que uma das atividades rotineiras que praticava com o pai era andar por linhas férreas, à procura de pedrinhas douradas que caíam dos trens. Segundo o escritor, naqueles momentos, preocupações e compromissos ficavam suspensos enquanto homem e menino dedicavam-se a outra prioridade:

Em redor, tudo clamava por outras urgências, outras seriedades. Naquele momento, porém, nada era mais sério e urgente do que encontrar a beleza no meio da poeira do chão. Nenhum dos trabalhos da escola me podia ensinar aquilo que o meu pai me revelava: a possibilidade de ficar encantado com pequenas inutilidades. [COUTO, 2019, p. 250]

Dois aspectos dessa memória se relacionam fortemente com o escritor e biólogo que ele se tornou: a sensibilidade para encontrar o belo — e para criá-lo — tem uma forte conexão com a terra, a natureza. O livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* chama a atenção para essas duas dimensões da produção de Mia Couto: elementos da natureza, objeto de estudo do biólogo, ganham dimensão poética, adquirem uma camada de **mistério e revestem-se de fantasia** quando são pensados por um escritor que aprendeu com o pai-poeta a reconhecer a beleza nos detalhes e nas coisas mais simples que estão à nossa volta. No romance, rio e terra são mais que cenário para a narrativa; são elementos centrais, voluntariosos, dotados de humores e de desejos que precisam ser ouvidos, compreendidos e atendidos. O convite que se faz é este: para fruir a leitura desse romance, será preciso ouvir. Ouvir o rio e a terra, os vivos e os mortos, o passado e o presente, o mistério e a fantasia, os ancestrais e o chamado para que o protagonista regresse à terra natal.

É com esse regresso que começa o **romance**, isto é, a narrativa de ficção que

se caracteriza pela pluralidade da ação e pela coexistência de vários conflitos. O jovem Mariano sai da cidade onde vive e cruza o rio rumo a Luar-do-Chão, para participar dos funerais do avô, Dito Mariano, que se encontra em um estado inusitado: não consegue acabar de morrer. Nas palavras do médico que o examina, o patriarca “era portador assintomático de vida” (p. 35). Enquanto a família se desentende em relação às providências a serem tomadas para que a situação se resolva, um episódio insólito surpreende Mariano: ele encontra uma carta que saúda sua chegada, anuncia que ele enfrentará desafios e, em tom enigmático, sugere que o desafio tem relação com todos os homens que passaram por aquela casa, tanto os vivos como os mortos.

O leitor, que já se surpreendeu com o estado de morte adiada do avô, é então envolvido pela atmosfera de mistério. Depois da primeira carta, muitas outras chegam a Mariano, oferecendo pistas que o conduzem a revelações importantes sobre seu passado e sobre as causas dos problemas que ameaçam Luar-do-Chão. Seguindo as orientações dadas nas cartas, e refletindo sobre seu conteúdo, o jovem protagoniza uma busca intensa de suas raízes, de sua ancestralidade e, no processo de conectar-se profundamente com sua história, contribui para que o avô sintasse-se pronto para partir.

Já passou o meu momento. Você está aqui, a casa está sossegada, a família está aprontada. Já me despedi de mim, nem eu me preciso. Vai ver que, agora, se vão desamarrar as águas, lá no alto das nuvens. Vai ver mais como a terra se voltará a abrir, oferecida como um ventre onde tudo nasce. Já sou um falecido inteiro, sem peso de mentira, sem culpa de falsidade. [p. 236]

A comparação da terra com o ventre tem origem na tradição da região da Beira, onde não se fala em sepultamento de mortos, mas em semeadura: os mortos são levados à terra para serem semeados. É o que acontece com Dito Mariano, que, ao orientar o neto acerca dos procedimentos necessários para o encerramento do ciclo, sugere um horário que considera bom para nascer.

[...] vá chamar Curozero Muando. E levem-me para o rio. Aproveitemos a madrugada que é boa hora para se nascer. [p. 237]

No capítulo seguinte, a nona e derradeira carta encerra a narrativa. Mariano conclui a missão, o mistério se desvenda e os acontecimentos fantásticos se dotam

de sentido. Esse universo rico e simbólico chega ao leitor por meio de uma prosa bonita e profunda, carregada de lirismo. Além de riqueza proporcionada pela prosa poética singular do autor, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* também oportuniza uma vivência literária importante no âmbito do Novo Ensino Médio, pela possibilidade que oferece para a observação do **protagonismo juvenil** representado pela figura de Mariano, e pela ampliação de referências sobre a África lusófona. O jovem Mariano se conecta com seus ancestrais e protagoniza uma jornada de resgate da própria história e da história do lugar onde nasceu. Nesse percurso, recupera valores importantes que estavam se perdendo em Luar-do-Chão. Acompanhar suas descobertas e seu engajamento oportuniza a reflexão sobre a relação do jovem com o mundo à sua volta, seja no enfrentamento de problemas políticos, seja no convívio social e familiar.

Em entrevistas e conferências, **Mia Couto** afirma, com recorrência, como a literatura brasileira foi importante para sua formação. Nos anos 1970, quando Moçambique vivia a guerra pela independência contra Portugal, a relação com a língua do colonizador era tensa, permeada por muitos conflitos de ordem política. Eram tempos difíceis, em que as fronteiras culturais eram muito mais fechadas do que são hoje, de modo que não havia muita troca entre os países lusófonos. No entanto, devido ao esforço de seu pai, entusiasta da literatura e da música brasileira, a produção cultural de nosso país chegou até ele, possibilitando a descoberta de uma nova língua portuguesa, diferente daquela falada pelo colonizador português.

Até se dar o encontro com o colonizador português, nós falávamos uma língua que não nos falava. E ter uma língua assim, apenas por metade, é um outro modo de viver calado. Jorge Amado e os brasileiros nos devolviam a fala, num outro português, mais açucarado, mais dançável, mais a jeito de ser nosso. No outro lado do mundo se revelava a possibilidade de um outro lado da nossa língua. (2019, p. 159)

Fazer o caminho inverso e levar a prosa de Mia Couto, tão inspirada no nosso português, mas ao mesmo tempo tão moçambicana e tão única, é um privilégio que pode render aprendizagens significativas nos campos literário, artístico, histórico e geográfico. Mia Couto escreve contos, crônicas, romances, poemas e ensaios. Sua vasta obra, formada por mais de trinta títulos, já foi merecedora de

muitos prêmios, incluindo o Prêmio Camões de 2013, o mais prestigiado da língua portuguesa, e o Neustadt Prize de 2014.

Atualmente Mia Couto mora em Maputo, capital de Moçambique, onde escreve, trabalha como biólogo e preside a Fundação Fernando Leite Couto, criada por ele e pelos dois irmãos para dar continuidade ao trabalho de promoção cultural ao qual o pai se dedicou.

PROPOSTA DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Linguagens e suas tecnologias no Ensino Médio

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4: Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

HABILIDADE (EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE (EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

Língua Portuguesa

HABILIDADES

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

(EM13LP47) Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas

culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

Logo na primeira linha do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o leitor é colocado diante de dois planos, o dos vivos e o dos mortos, por meio de uma construção linguística sedutora, surpreendente:

A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. [...] (p. 13)

A entrada nesse universo reserva surpresas, aprendizagens e reflexões, configurando-se como uma experiência leitora intensa e prazerosa aos estudantes do Novo Ensino Médio. É importante lembrar, no entanto, que a leitura que dá prazer não é, necessariamente, a leitura fácil, que dispensa o leitor de qualquer esforço. Como alerta o professor Percival de Leme Britto,

Se “a literatura deve ser uma experiência de felicidade”, como afirma Rubem Alves, deve ser também entendida como um trabalho, um exercício que, como muitas outras coisas boas da vida, exige esforço. A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capaci-

tação, acumulação de experiência. É, pois, necessário, deixar de associar a leitura prazerosa à ideia de mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode existir associado à realização. (BRITTO, 2007)

Os desafios que a leitura oferece, quando superados com apoio do professor e da comunidade leitores da sala de aula, promovem aprendizagens literárias importantes e oportunizam que os jovens vivenciem o prazer da fruição, ainda que seja necessário um esforço inicial, até que se adaptem ao estilo do autor e ao universo representado na obra. Esse apoio pode ser oferecido durante a leitura compartilhada, situação em que estudantes leem juntos e discutem o que leram, ora com mediação do professor, ora em grupos de discussão.

Sobre a leitura compartilhada, a pesquisadora espanhola Teresa Colomer afirma que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (2007, p. 143.)

Ao planejar a leitura compartilhada, é preciso ter em conta as competências que serão trabalhadas no ano letivo, bem como o que cada capítulo potencializa para comentários e discussões. Tendo esses aspectos em mente, o professor decide o que será discutido durante a leitura ou antes e depois.

Pode ser conveniente ler um capítulo por dia, ou alguns capítulos a cada sessão de leitura. Essa é uma escolha do professor. Também pode ser combinado um trabalho que articule a leitura compartilhada de alguns capítulos em sala de aula e a leitura autônoma de outros em casa. Por exemplo: na primeira semana, a leitura compartilhada dos capítulos 1 a 5; na segunda semana, a leitura autônoma dos capítulos 6 e 7 e a discussão sobre eles em sala de aula; então, repetição de leitura compartilhada, mas agora do capítulo 8. Ao elaborar o cronograma, sugerimos que os capítulos mais complexos, que requeiram mais mediação, sejam reservados para a leitura compartilhada.

Durante a leitura compartilhada, o professor lê em voz alta e faz pausas estratégicas para acolher perguntas e comentários feitos pelos estudantes, lançar questões ao grupo, pedir que comentem algum acontecimento, propor a troca de ideias sobre determinados temas, entre outras possibilidades. As pausas são momentos em que o livro é discutido, a partir de uma proposta feita pelo professor, mas sempre levando em conta os temas que os jovens trazem em suas observações espontâneas. É muito importante ter em conta que não se trata de fazer perguntas que tenham uma resposta objetiva e única. As propostas de discussão visam à troca de ideias sobre temas diversos.

Nas atividades sugeridas a seguir, exploramos essas possibilidades de encaminhamentos para a leitura compartilhada da obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*.

PRÉ-LEITURA

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* apresenta um universo que está ao mesmo tempo próximo e distante dos estudantes. O romance foi escrito em português, idioma oficial tanto de Moçambique, país de origem do autor, como do Brasil. O português que encontramos lá é o que conhecemos, sem dúvida, mas tem suas peculiaridades, reserva surpresas e produz algum estranhamento. É preciso não apenas preparar os estudantes para esse encontro, mas também instigar a curiosidade deles para a experiência. Também é importante levantar os conhecimentos prévios sobre Moçambique. Ainda que a história se passe em uma ilha fictícia, é importante conhecer a terra natal do autor e levar em conta a experiência dele com esse lugar, para compreender as relações entre o espaço fictício e o real. Tendo em vista esses dois aspectos, as atividades de pré-leitura buscam mobilizar as referências dos jovens para Moçambique, o português falado lá e o universo do autor.

PRIMEIROS CONTATOS COM O LIVRO: EXPLORAÇÕES, DESCOBERTAS E MUITAS PERGUNTAS

Título e capa são os primeiros elementos com os quais o leitor tem contato. É importante dar atenção à relação entre esses elementos e encorajar os estudantes a compartilhar suas impressões. Em grupos, com o livro em mãos, podem ler o

texto de quarta capa e observar minuciosamente os detalhes da capa. As questões a seguir podem orientar a discussão.

1. O que vocês pensam sobre o título? Que relações estabelecem entre rio e tempo; casa e terra?
2. O que observam sobre a relação entre o título e a ilustração da capa?
3. Como se sentem ao observar a ilustração? Que pensamentos e sentimentos a imagem desperta?
4. O que chama a atenção no texto da quarta capa? Ele dá pistas sobre características do romance. Que pistas vocês identificam?
5. O que lhes parece mais interessante neste romance?

O resultado das discussões em grupo pode ser compartilhado com a classe de diversas maneiras. Uma possibilidade seria esta: um grupo apresenta o que foi discutido sobre as questões 1 e 2. Ao final da apresentação, a classe comenta, para complementar ou acrescentar outros pontos de vista. Outro grupo apresenta o que foi discutido sobre a questão 3, e assim por diante.

A quarta capa traz palavras que podem ser problematizadas na discussão. Por exemplo: fala sobre estranhamento, qualifica a ilha como *enigmática* e chama a saga familiar de *fantástica*. O professor pode chamar a atenção para essas palavras e propor que os estudantes as tenham em conta para ler a epígrafe. A discussão pode ser orientada por uma questão como esta: há algo de *estranho*, *enigmático* ou *fantástico* nos versos que formam a epígrafe do livro?

Depois da discussão, uma opção interessante é navegar pelo site do artista plástico Angelo Abu, autor da ilustração da capa, para uma exploração coletiva de cores e formas que remetem à África: <https://angeloabu.wordpress.com> (acesso em: 6 dez. 2020).

Caso deseje aprofundar a análise da ilustração da capa, pode ser interessante ler um texto em que o artista comenta o processo criativo. Embora a capa de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* não seja citada, as informações sobre outras capas possibilitam compreender como o artista lê, interpreta o texto e faz escolhas de acordo com o que considera mais marcante na narrativa: <http://historico.blogdacompanhia.com.br/2016/02/na-berma-de-tantas-mocambiques> (acesso em: 6 dez. 2020).

Durante a leitura, será proposta uma atividade que envolve a observação da presença de elementos *estranhos*, *enigmáticos* ou *fantásticos* na personificação das pás e demais instrumentos usados para cavar a terra. As enxadas parecem ter faces e algumas delas se parecem com máscaras africanas. Se, por acaso, essa questão aparecer nesse momento de análise da capa, os estudantes podem criar hipóteses e anotá-las, para recuperá-las futuramente.

AUTOR AFRICANO, LÍNGUA PORTUGUESA AFRICANA

É possível que alguns estudantes não saibam que português é a língua oficial de Moçambique e que o romance foi escrito originalmente em português. É importante entrar em contato com as representações dos estudantes sobre o autor e aguçar a curiosidade deles, para que busquem saber mais. Uma boa forma de começar é propor uma questão aberta para discussão em grupo:

“O que vocês sabem sobre Mia Couto e sobre Moçambique?”

Em grupos, os estudantes podem registrar o que sabem sobre:

- o idioma falado pelo autor;
- outros livros de Mia Couto que já tenham lido;
- curiosidades sobre o escritor.

Este primeiro levantamento pode ser apresentado à classe e, então, com os estudantes organizados em grupos, você pode encorajá-los a explorar materiais que ampliem as referências sobre o tema e a selecionar informações que considerem importantes ou interessantes para, depois, compartilhar com a classe. Uma opção interessante é atribuir foco de pesquisa a cada grupo, para posterior socialização com a classe.

Os materiais a seguir são boas fontes de pesquisa (acessos em: 5 dez. 2020):

- Biografia de Mia Couto: www.frenteiras.com/conferencistas/mia-couto.
- Entrevista em que Mia Couto comenta sua casa da infância e afirma que era “uma casa encantada” porque ali se contavam histórias. O vídeo contribui para que, futuramente, os estudantes estabeleçam relação entre a vida e a criação do autor: https://tvcultura.com.br/videos/62633_mia-couto-por-ele-mesmo.html.
- Site oficial do autor: www.miacouto.org.
- Site da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): www.cplp.org/id-2597.aspx.

- Reportagem sobre Beira, a cidade em que Mia Couto nasceu:

<http://jornalismojunior.com.br/vozes-da-beira-do-mundo>.

Depois da pesquisa e das apresentações, os estudantes podem, coletivamente, explorar o glossário, no final do livro, para conhecer as palavras que estão lá e levantar hipóteses para a presença dessa seção. Se o livro é escrito em português, por que há tantas palavras desconhecidas, que precisam ser definidas num glossário? Dessa forma, a diversidade linguística de Moçambique, que será tema de discussão durante a leitura, já será notada desde a primeira exploração do livro.

LEITURA

O COMEÇO DO ROMANCE: UMA TRAVESSIA

O título do primeiro capítulo, “Na véspera do tempo”, e a epígrafe (p. 11) retomam as ideias de tempo e terra, presentes no título, e trazem outros temas para a observação do leitor: vida e morte.

Até esse momento, examinando título, capa e paratextos, o leitor está se movimentando pelo entorno do universo de ficção, munindo-se de recursos para viver a experiência, preparando-se para entrar, de vez, naquele mundo. Essa entrada acontece, enfim, quando se chega ao primeiro parágrafo: seis linhas carregadas de sentido, em que autor e leitor firmam uma espécie de contrato. Toda a complexidade e o fascínio do universo a ser conhecido se apresentam ali e convidam o leitor a entrar naquele mundo, viver aquelas vidas, aceitar aquelas regras. No caso de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, esse convite para a entrada no mundo de ficção é feito de modo impactante:

A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano. [p. 13]

A conexão entre dois mundos, representada pela figura do umbigo, convida a muita reflexão: a ideia de que, para entrar no mundo externo ao útero, tivemos de sair de outro mundo (nascimento) associa-se rapidamente à sugestão de que essa passagem se repetirá, quando deixarmos este mundo em que estamos para aceder a outro (morte).

O impacto dessas ideias tão potentes reverbera na frase seguinte, quando o narrador esclarece que a morte o guia em sua viagem de barco. A ideia de travessia, sugerida na metáfora do nascimento, amplia-se quando pensamos que o narrador desloca-se por águas que o levarão de um lugar a outro — da cidade à ilha, onde ocorreu a morte do avô. O rio (tempo) o leva à casa (terra). As trajetórias do narrador e do avô se conectam fortemente nesse primeiro parágrafo, em que já está anunciada a estreita ligação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. Mariano faz a travessia da cidade à ilha e os leitores atravessam com ele, adentrando aquele universo tão particular.

DIÁRIO DE LEITURA

Depois de guiar os jovens na leitura detalhada do primeiro parágrafo, proponha a organização de um espaço para registros, isto é, uma espécie de diário de leitura, que inclua algumas seções, como as seguintes:

- Linguagem
- Personagem e suas buscas
- Personagens secundários
- Relações com o lugar
- Presença de elementos fantásticos
- Dúvidas, hipóteses, incertezas e inquietações

Esse material pode começar a ser usado logo no primeiro capítulo, que traz elementos centrais para compreender o mundo de ficção, e pode ser retomado diversas vezes, sempre que algo importante se fizer notar. A seguir, apresentamos alguns desses elementos e sugerimos questões que podem orientar as discussões e apontar caminhos para os registros dos estudantes.

PRIMEIROS OLHARES PARA A LINGUAGEM

Ao longo da leitura do primeiro capítulo, é importante orientar o estudante a observar que, em diversas ocasiões, a linguagem chama a atenção para si mesma. Uma frase, uma comparação, uma definição poética podem se ressaltar e despertar o desejo de parar um pouco, contemplar, pensar. É interessante estimular os estudantes a destacar esses trechos, durante a leitura, para anotação na seção “Linguagem”, do diário de leitura. Dessa forma, eles poderão revisitar as frases favoritas, as

metáforas que mais chamaram a atenção, enfim, os fragmentos que os impactaram. Essas anotações podem ser retomadas algumas vezes durante o trabalho ou ao final de cada sessão de leitura, conforme o professor julgar mais conveniente. E também na atividade de pós-leitura.

ACONTECIMENTOS FANTÁSTICOS

O primeiro capítulo também já situa o leitor em relação a outra característica marcante do romance: a presença de acontecimentos fantásticos, que não se explicam pelas regras que regem o universo em que vivemos. É o que se passa no fragmento a seguir. Enquanto atravessa o rio, o narrador se lembra de que, no passado, o tio que o acompanha havia perdido a noiva, que falecera pouco antes do casamento. Diante dessa perda, o noivo passou a usar uma tarja preta presa à lapela, em sinal de luto. Em dado momento, algo estranho passou a acontecer:

[...] Todavia, do que se conta, sucedia o seguinte: a pequena tarja crescia durante as noites. Manhã seguinte, o paninho estava acrescido de tamanho, a pontos de toalha. E, no subsequente, um lençol já pendia do sombrio casaco. Parecia que a tristeza adubava os pesarosos panos. [...]
[p. 15-6]

O acontecimento narrado deixa os leitores em dúvida: seria verdade? Como pode ser possível? Seria uma história inventada pelos moradores da região? Seria apenas fruto da imaginação das pessoas? Esse questionamento caracteriza a experiência do fantástico na literatura, conforme analisado na seção de aprofundamento (*ver p. 36 deste material*).

É importante chamar a atenção dos estudantes para a presença desses elementos durante a leitura do primeiro capítulo, porque é algo que vai se repetir algumas vezes ao longo do livro. As questões a seguir sugerem uma abordagem possível para o tema:

- Ao descrever o que acontecia com a tarja preta na lapela do tio, o narrador busca uma razão para um acontecimento que não tem respaldo na lógica que rege nosso mundo. Vocês se lembram de outros livros ou filmes em que ocorrem fatos assim?
- O que a imagem da tarja que aumenta de tamanho faz pensar? Como vocês se sentem diante dessa imagem? Que reações ela produz em vocês?

- Observar a presença de elementos fantásticos é importante para compreender o universo representado no livro. Fiquem atentos a este tema e marquem num caderno os fragmentos em que o fantástico puder ser observado, para futuras discussões.

REPRESENTAÇÕES DO LUGAR

A terra, elemento presente desde a capa, ocupa lugar central no romance. Essa relevância fica destacada no primeiro capítulo, quando o narrador reflete sobre o fato de o país estar dividido.

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas. (p. 16)

Durante a leitura compartilhada do capítulo 1, é importante chamar a atenção dos estudantes para este tema. Um encaminhamento interessante seria propor o levantamento de hipóteses para a divisão do povo. Essa discussão pode ser conduzida por meio de perguntas como:

- Quais podem ser as causas dessa divisão entre a cidade e a ilha?
- Que questões essa colocação do narrador desperta? Que dúvidas são lançadas para o leitor?
- Mariano estava na cidade e foi retirado de lá por causa da morte do avô. Essa travessia da cidade para a ilha deve ter alguma relação com a divisão do povo em “duas gentes”. O que foi possível observar sobre isso até agora? O que podemos anotar como dúvidas para os capítulos seguintes?

Essa discussão pode ser retomada e aprofundada por meio de atividades interdisciplinares propostas na seção “Proposta de atividades II” (p. 27 deste material).

PERSONAGENS SECUNDÁRIOS

Abstinência, Fulano Malta e Últmio, os três filhos do falecido Dito Mariano, são apresentados ao leitor no primeiro capítulo, durante a travessia de Mariano. Apenas Abstinência atua; os demais são brevemente descritos. No barco está

também a senhora Miserinha, cuja atuação traz novos acontecimentos fantásticos para a narrativa, e também novos elementos relacionados à questão da terra: ela lê a vida de um homem pelo modo como ele pisa o chão. É importante encorajar os estudantes a observar os personagens e compartilhar suas impressões sobre eles, por meio de questões como estas:

- Os perfis dos três irmãos são semelhantes ou contrastantes? O que podemos antecipar sobre a relação entre eles: uma convivência harmoniosa ou conflituosa?
- Que impressões a personagem Miserinha causou? O que vocês observam sobre a relação dela com Mariano e o tio?

UM FINAL ENIGMÁTICO

Pouco antes de chegar a Luar-do-Chão, Miserinha disse a Mariano que ele precisava de proteção. Antes de desembarcar, o tio lhe pediu que promettesse ter cuidado. Essas duas colocações anunciam uma jornada de desafios a Mariano. Ele não sabe ainda o que o espera, mas sabe que “Eu era a vida dele [do avô]” (p. 20). É natural que os estudantes não compreendam totalmente essa afirmação. Você pode aproveitar esse momento para conversar sobre o prazer de interagir com narrativas que deixam lacunas e convidam o leitor a preenchê-las aos poucos, no processo de interação com o texto, mediante questionamentos e reflexões. Nesse sentido, a seção “Dúvidas, hipóteses, incertezas e inquietações”, organizada no diário de leitura, tem um grande potencial: o prazer estético pode ser obtido por meio daquilo que causa inquietação e desperta dúvidas. É interessante, portanto, propor que os estudantes compartilhem suas impressões sobre o fim do capítulo, mesmo que essas impressões sejam marcadas por questionamentos, dúvidas e incertezas, e, então, façam seus registros no diário de leitura, para futuras retomadas.

Conforme comentado, essas sugestões visam guiar a leitura do primeiro capítulo, por meio:

- de compartilhamento de informações que ajudem a compreender o contexto;
- da proposição de questões que contribuam para a análise e a reflexão do mundo de ficção que se apresenta;
- da orientação para a produção do diário de leitura, que será produzido ao longo da leitura compartilhada de todos os capítulos.

As demais sessões de leitura compartilhada podem ser planejadas com base

nessa primeira. Como o contexto já será conhecido, é possível que não seja necessário abordar tantos temas nas discussões futuras; os focos podem ir se redefinindo, de acordo com o que for mais adequado a cada capítulo. O importante é garantir que haja espaço para as respostas pessoais, afetivas, e para a análise literária, afinal, essas duas instâncias se retroalimentam.

Cecilia Bajour, pesquisadora argentina que se dedica a investigar o valor da escuta nas práticas de leitura, alerta que planejar a mediação de leitura implica, por um lado, conhecer muito bem o texto que será lido e planejar formas de apresentá-lo e de propor boas conversas sobre ele; por outro, aguçar os ouvidos para o que dizem os leitores.

Pensar nos textos com antecedência é imaginar perguntas, modos de apresentar e adentrar os livros, estratégias de leitura e também de escrita ficcional, possíveis pontes entre o texto proposto e outros etc. É fazer uma representação provisória da cena com os leitores, que, por mais que sejam conhecidos, nunca se conhece de todo, que certamente surpreenderão nossas previsões, já que ninguém pode anteciper com certeza o rumo das construções dos sentidos dos textos. [2012, p. 60]

EXPERIÊNCIA LINGUÍSTICA

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra proporciona uma experiência linguística rica e diversa, seja pelas peculiaridades do português moçambicano, seja pelo olhar lírico de Mia Couto para o mundo que o rodeia. Assim, a leitura deste romance pode ser potencializada por um trabalho de pesquisa sobre a diversidade linguística em Moçambique e por atividades que promovam a reflexão sobre os aspectos estilísticos e a linguagem explorados pelo autor.

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM MOÇAMBIQUE E NO BRASIL

De acordo com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano da República de Moçambique, o português é a língua oficial do país, mas está longe de ser a única: 23 outras línguas nacionais são faladas pelos moçambicanos. Nas áreas rurais, onde a língua portuguesa é dominada por cerca de 10,8% da popula-

ção, muitas crianças só aprendem a língua oficial do país quando chegam à escola (MOÇAMBIQUE, s. d.).

Por um lado, aprender português é necessário para a participação cidadã, por ser o idioma dos documentos oficiais e da imprensa, bem como a língua que possibilita a comunicação entre moradores de diferentes regiões do país. Por outro, é importante preservar o patrimônio linguístico do país. A solução para acomodar as duas necessidades seria investir na educação bilíngue, algo que vem sendo debatido entre acadêmicos e que já começa a ser implementado em algumas regiões. Esse panorama de diversidade contribui para que a língua portuguesa moçambicana tenha características singulares, que serão notadas pelos estudantes durante a leitura.

Possivelmente a primeira observação a respeito desse tema ocorrerá no capítulo 2, quando o narrador explica que a casa da família é nomeada Nyumba-Kaya, para satisfazer familiares do Norte e do Sul: “Nyumba’ é a palavra para nomear ‘casa’ nas línguas nortenhas. Nos idiomas do Sul, casa se diz ‘kaya’” (p. 26). Após a leitura desse capítulo, pode ser interessante discutir a questão da pluralidade de línguas no Brasil e em Moçambique, comparando as semelhanças e as diferenças entre os dois contextos.

Os materiais a seguir podem ser compartilhados com os estudantes, para que:

- Individualmente, leiam e identifiquem semelhanças e diferenças entre o contexto linguístico moçambicano e o brasileiro.
- Reflitam sobre o impacto da diversidade linguística dos dois países nas características específicas do português de cada uma dessas nações.
- Debatam a importância da preservação das línguas nativas.

Sobre diversidade linguística em Moçambique (acessos em: 29 out. 2020):

- “Com mais de 20 idiomas, Moçambique tenta quebrar barreiras linguísticas”: <https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713762>.
- “Línguas nacionais são receita de sucesso nas escolas moçambicanas”: www.dw.com/pt-002/1%C3%ADnguas-nacionais-s%C3%A3o-receita-de-sucesso-nas-escolas-mo%C3%A7ambicanas/a-43452537.

Sobre diversidade linguística no Brasil (acessos em: 29 out. 2020):

- “Línguas”: https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas#Troncos_e_fam.C3.ADIas.
- “Professora do Amazonas luta pela educação indígena”: <https://novaescola.org.br/conteudo/16445/professora-do-amazonas-luta-pela-educacao-indigena>.

Após a discussão, o professor pode reforçar aos estudantes a importância de registrar, no diário de leitura, as observações sobre as peculiaridades do português moçambicano e a presença de palavras oriundas das línguas nativas.

NEOLOGISMOS

Durante a leitura do romance, os estudantes observarão que uma coisa pode ser qualificada como *passatemporária*, um homem pode ser *em si vertido* ou alguém pode perguntar “por que *desrazão*” algo aconteceu. Essas criações, chamadas neologismos, produzem estranhamento e convidam o leitor a reparar mais atentamente no sentido da palavra, ou no que ela informa a respeito da pessoa ou da situação. Além de observar o efeito estético produzido pelos neologismos, pode ser interessante estimular os estudantes a pensar nos motivos que levam o autor a inventar a língua. Essa questão está relacionada ao tema anterior: a diversidade linguística de Moçambique.

Algumas possibilidades de trabalho com o tema são:

- Propor que os estudantes criem, na seção “Linguagem”, do diário de leitura, um dicionário comentado de neologismos. Além de registrar as palavras criadas pelo autor, é interessante que comentem o que elas fazem pensar e sentir, ou seja, o efeito estético que produzem.
- Ler para os estudantes um fragmento em que Mia Couto comenta suas “brincadeiras” e propor que discutam a relação entre o que o escritor diz e o que foi discutido sobre a diversidade linguística em Moçambique.

[...] em um certo momento deixei-me encantar por essa brincadeira, que era jogar com as palavras, reinventá-las, muito motivado por uma coisa que vem de dentro. Isto é, os moçambicanos têm vivas e falam em seu cotidiano outras línguas que não o português, e há um momento muito feliz para um escritor, que é perceber que sua língua não está acabada, não está feita. Por exemplo, eu todo dia recolho palavras novas na rua, palavras que não

são criações literárias. Isso é um alimento muito grande. Por exemplo, as pessoas dizem arrumário para dizer armário. A palavra arrumário tem muito mais sentido, não só porque é o lugar onde arrumamos as coisas, mas porque, se revisitarmos a história, o armário era o lugar onde se guardavam as armas. [OLIVEIRA, 2019]

- Em grupo, pesquisar poetas e prosadores brasileiros que trabalham com neologismos e montar painéis para expor na classe.

Os poemas “Invernáculo”, de Paulo Leminski, e “Seu Metaléxico”, de José Paulo Paes, são alguns entre os muitos exemplos de poemas em que os neologismos podem ser analisados. Quanto à prosa, uma proposta potente seria trabalhar com um conto de Guimarães Rosa, para que os estudantes possam observar a influência do escritor brasileiro sobre o moçambicano.

Neste trecho da conferência “Nas pegadas de Rosa”, Mia Couto descreve o deslumbramento que marcou seu primeiro contato com a obra de Guimarães Rosa.

Quando chegou o primeiro livro, *Primeiras estórias*, houve um fenômeno curioso. Eu não conseguia entrar naquele texto. Era como se eu não lesse, ouvisse vozes, que eram as vozes da minha infância. Os livros de Guimarães Rosa quase me atiram para fora da escrita.

[...] O que me tomava principalmente não era a invenção de palavras, mas havia ali uma poesia, a tal arrumação que funcionava muito como os dançarinos de Moçambique, os dançarinos da África em geral, naquele exato momento em que eles estão entrando em transe para serem possuídos pelos espíritos. [...] Era isso que acontecia naquela linguagem. Era uma linguagem, quase uma linguagem de transe, que permitia que outras linguagens tomassem posse dela. [1998, p. 12]

PÓS-LEITURA

SARAU

As atividades de pré-leitura anunciaram que, ao longo do romance, haveria momentos em que a linguagem chamaria a atenção para si mesma. Os leitores foram preparados para apreciar a prosa poética de Mia Couto, dando atenção ao

lirismo do texto e desfrutando da experiência estética que o texto oportuniza. Foi sugerido que fizessem registros de fragmentos que os impactassem, para posterior retomada.

A organização de um sarau pode ser uma forma interessante de fazer essa retomada. Os estudantes podem analisar seus registros e escolher um ou mais fragmentos para compartilhar. A socialização dos trechos pode ser feita numa roda de leitura, em que cada um lê os fragmentos selecionados, mas também podem ser planejadas algumas variações, como as seguintes:

- Se houver recursos tecnológicos, os estudantes podem usar um gravador de voz digital, como os que encontramos em telefones celulares e computadores, para produzir podcasts: cada estudante lê o fragmento escolhido e o comenta, destacando a própria recepção ao texto, no que ele faz pensar, o que chama a atenção nele etc. O conjunto do material produzido pode ser divulgado na escola (no site da instituição, em eventos realizados em parceria com a biblioteca, em programas de rádio caseiros, produzidos pelos estudantes e veiculados na hora do intervalo, entre outras possibilidades) e fora dela (em rádios comunitárias, blogs literários criados pelos estudantes, eventos planejados em parceria com a biblioteca pública do bairro etc.).
- A turma pode organizar uma exposição em que alguns dos fragmentos escolhidos sejam expostos em cartazes. O ambiente pode ser enriquecido com fundo musical formado por música moçambicana e com ilustrações produzidas pelos estudantes (*ver sugestão de atividade interdisciplinar de Pós-leitura na seção “Propostas de atividades II”, p. 33*).

O sarau pode acontecer na abertura da exposição: os jovens leem os trechos escolhidos, na presença dos convidados, comentam aspectos relevantes da experiência de leitura ou do universo de Mia Couto, mais amplamente, e então convidam os visitantes a ler os cartazes e apreciar as imagens.

O processo de preparação do evento pode se articular a uma reflexão, individual ou em grupo, sobre o sentido da leitura para cada um, as referências ampliadas, as aprendizagens construídas e os vínculos criados. Depoimentos sobre a recepção leitora podem, inclusive, integrar as exposições.

PROPOSTA DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

(EM13CHS203) Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

(EM13CHS204) Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 3: Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais — entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais —, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores,

condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

Luar-do-Chão é um espaço ficcional, criado por Mia Couto. Não há em Moçambique uma ilha assim denominada, tampouco há, no livro, nenhuma menção a esse país, embora haja referências explícitas à África. Ainda assim, muitos indícios permitem constatar que a criação é inspirada na história e na geografia moçambicanas.

Conhecer mais a fundo a realidade de Moçambique pode contribuir com a fruição na leitura literária, ao mesmo tempo que a ficção pode instigar os estudantes a desejar conhecer mais a fundo a realidade do país que inspira o romance. As propostas a seguir foram pensadas para promover essas conexões.

PRÉ-LEITURA

CONHECENDO MOÇAMBIQUE: ARTICULAÇÃO ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA

Antes de começar a leitura do romance, é importante investir na singularização de Moçambique no contexto africano. A África é um continente muito vasto, marcado pela pluralidade de etnias, línguas, paisagens, costumes e configurações político-econômica. É fundamental que, ao longo do Novo Ensino Médio, os estudantes possam conhecer a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas de diferentes regiões do continente, para que possam romper com ideias preconcebidas e ampliar as referências sobre a realidade dos países africanos. Ler um romance que tem a relação com a terra como tema central configura-se como uma boa oportunidade para avançar nesse desafio. Assim, a parceria entre os professores de Literatura e Geografia pode resultar em um potente trabalho de pesquisa sobre o contexto geográfico do livro.

O primeiro passo para esse trabalho conjunto é planejar os temas a serem abordados na pesquisa e o modo como ela será encaminhada nas aulas de **Geografia**. Em seguida, é preciso pensar sobre como o resultado do trabalho será apresentado ao professor de Literatura.

Ao elaborar esse planejamento, é importante incluir o levantamento das representações dos estudantes sobre:

- Paisagens e ecossistemas
- Situação socioeconômica: IDH e outros índices de desenvolvimento
- Situação política: conflitos que ocorrem no país

Conhecimentos prévios de cunho linguístico terão sido levantados na aula de Língua Portuguesa (ver *“Autor africano, língua portuguesa africana”*, na p. 16 deste material).

O professor pode propor que a turma trabalhe em grupos, registrando o que sabe sobre esses aspectos. Cada grupo pode ficar responsável por um tema, com os estudantes se inscrevendo nos grupos de acordo com seus focos de interesse. Reunidos em grupos temáticos, eles compartilham o que sabem, bem como as curiosidades e as dúvidas. Um dos estudantes se encarrega de fazer as anotações que serão apresentadas à classe. Na etapa seguinte, à medida que os estudantes socializam suas respostas, o professor pode fazer perguntas ou estimular que levantem dúvidas sobre os temas propostos (essas dúvidas serão retomadas um pouco adiante).

A terceira etapa consiste em oferecer material de pesquisa para que os estudantes ampliem os conhecimentos, tendo como ponto de partida as questões levantadas.

Sugerimos a seguir alguns materiais que podem ser compartilhados com os estudantes nessa fase.

Localização, paisagens e ecossistemas: savana, praias, montanhas, cidades coloniais, áreas urbanas (acessos em: 6 dez. 2020)

- Google Earth: <https://earth.google.com/web/>
- Google Maps: www.google.com/maps/
- Parque Nacional da Gorongosa: <https://gorongosa.org/a-nossa-gorongosa-um-parque-para-o-povo-filme/?lang=pt-pt>
- Ilha de Moçambique, antiga capital do país: www.ilhademocambique.co.mz/content/historia
- Lago Niassa, um dos mais extensos da África: www.dw.com/pt-002/lago-niassa/t-36499389
- Maputo, a capital: www.uccla.pt/membro/maputo

- Diversidade de paisagens do país:
www.youtube.com/watch?v=08Jl4jKiM7U&cc_load_policy=1

Situação socioeconômica: dados estatísticos e índices de desenvolvimento

- População, Produto Interno Bruto (PIB), PIB per capita, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): <https://paises.ibge.gov.br/>
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud): www.mz.undp.org/content/mozambique/en/home/countryinfo

Esta página está disponível em inglês. Os estudantes que desejarem podem usar ferramentas de tradução automática para verter o texto para o português.

SITUAÇÃO POLÍTICA E ATUALIDADES

- As reportagens publicadas no jornal eletrônico *ONU News* possibilitam uma visão geral dos principais conflitos e desafios que o país enfrenta no momento. Os estudantes podem ler as manchetes e escolher algumas delas para ler e comentar: <https://news.un.org/pt/tags/mocambique>.

Depois da pesquisa, os grupos apresentam informações que contribuirão para construir respostas às questões levantadas na etapa anterior. O professor de Geografia comenta a apresentação e orienta o olhar deles para aspectos relevantes da geografia física e política do país. O professor de Literatura pode participar dessa aula assistindo às apresentações, ou pode ser organizada uma filmagem a ser exibida na aula de Literatura.

LEITURA

COLONIZAÇÃO E INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE: ARTICULAÇÃO COM HISTÓRIA

A primeira missão que o avô atribui a Mariano é o resgate da relação com seu pai. Para atender ao pedido do patriarca, o protagonista retoma a história de Fulano Malta, buscando entender as causas de suas dificuldades e angústias. O seguinte fragmento do capítulo 5 ilustra o mergulho do jovem nessa história de vida e na tentativa de compreendê-lo.

[...] Eu entendia esse sofrimento. Fulano Malta passara por muito. Em moço se sentira estranho em sua terra. Acreditara que a razão desse sofrimento era uma única e exclusiva: o colonialismo. Mas depois veio a Independência e muito da sua despartença se manteve. E hoje comprovava: não era de um país que ele era excluído. Era estrangeiro não numa nação, mas no mundo. [p. 72]

A leitura deste capítulo pode despertar dúvidas sobre as representações do processo de colonização portuguesa e de independência no contexto africano. Assim, esse pode ser um momento muito oportuno para um trabalho em parceria com a disciplina de **História**.

Durante a leitura do capítulo, na aula de Língua Portuguesa, o professor pode chamar a atenção para os fatos históricos citados e para a repercussão deles no interior da personagem. Podem ser registradas dúvidas a respeito dos processos de colonização e independência e essas dúvidas podem ser levadas para a aula de História. Outra possibilidade é fazer tanto a leitura integral do capítulo como o levantamento de questões sobre colonização e independência na própria aula de História.

Ao abordar o tema, é importante chamar a atenção para a presença de fronteiras entre norte e sul, que se fazem notar no nome da casa do patriarca, e associar essa divisão aos antigos reinos que formavam a região. Fulano Malta se conecta com esse passado, essa ancestralidade, razão pela qual nem mesmo a independência lhe assegura a desejada sensação de pertencimento. Para que possam entender com mais profundidade esse conflito, o professor de História pode organizar uma aula expositiva ou encaminhar pesquisas sobre o período pré-colonial, a colonização e a independência.

Sugerimos a seguir alguns materiais que podem contribuir com o estudo (acessos em: 6 dez. 2020).

- “Cronologia 1415-1961: Da conquista de Ceuta ao início da luta armada contra a colonização”: www.dw.com/pt-002/cronologia-1415-1961-da-conquista-de-ceuta-ao-inicio-da-luta-armada-contra-a-colonizacao-a7a30/a-17262821.
- “Cronologia 1974-2002: Das independências ao fim da guerra em Moçambique e Angola”: www.dw.com/pt-002/cronologia-1974-2002-das-independencias-ao-fim-da-guerra-em-mocambique-e-angola/a-17280940.

- Entrevista em que Mia Couto comenta os desafios de Moçambique, enquanto nação recém-criada (4min24s): www.youtube.com/watch?v=dvX0pd5yy_A.

Depois da aula ou da pesquisa, seria interessante os estudantes relerem fragmentos em que Fulano Malta entra em conflito com a ideia de independência, para que possam agora interpretá-los à luz de novos conceitos. Por exemplo: nos fragmentos a seguir, observa-se o contraste entre o período em que Fulano decide deixar sua terra natal para lutar pela independência e o momento em que, de volta à ilha, recusa-se a receber as honrarias de herói libertador. Conhecendo o contexto histórico de Moçambique, os estudantes saberão que esse país foi uma das últimas colônias africanas a conquistar a independência, fato que se consumou em 1975, depois de dez anos de violentos conflitos com o exército português. A disputa pelo poder, posteriormente à independência, resultou em uma longa guerra civil, que durou dezesseis anos e assolou o país. O conhecimento desses fatos históricos permite compreender mais a fundo o conflito e a desilusão do personagem.

Em 1974, com a democratização de Portugal, depois dos longos anos da ditadura de António de Oliveira Salazar (de 1933 a 1974), foi deflagrada a descolonização de Moçambique e Angola, países que já estavam em guerra pela independência havia dez anos. Depois da independência,

[...] os movimentos nacionalistas mais poderosos e com maior apoio popular, alinhados com a União Soviética, assumiram os governos: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). As independências assinalaram os inícios das guerras civis. Em Angola, o MPLA passou a enfrentar a guerrilha da União Nacional para a Independência Total e Angola (Unita). Em Moçambique, a Frelimo passou a enfrentar a guerrilha da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo). Os movimentos rebeldes receberam o apoio diplomático dos EUA e foram financiados e auxiliados pela África do Sul. (SCALZARETTO; MAGNOLLI, 1996, p. 35.)

A paixão adolescente de Fulano por Mariavilhosa não foi capaz de lhe trazer venturas. Nem o casamento lhe foi suficiente. Pois seu viver se foi amargando e ele, mal escutou que havia guerrilheiros lutando por acabar com o regi-

me colonial, se lançou rio afora para se juntar aos independentistas. A família ficou sem saber dele durante anos. Já derrubado o governo colonial, Fulano Malta regressou. Vinha fardado e todos o olhavam como herói de muitas glórias. Seguiu-se um ano de transição, um longo exercício na entrega dos poderes da administração portuguesa para a nova governação. (p. 70)

[...] Enquanto, nas ruas da vila, as tropas desfilaram as pré-vitórias, meu pai despiu a sua farda e se guardou em casa. Mariavilhosa, triste, desistiu de argumentar. Juca Sabão, que acorria para se juntar à multidão, nem acreditava que o herói libertador se sombreava no resguardo do lar, alheio ao mundo e ao glorioso momento.

— *Que faz, Fulano? Não vai desfilar?*

— *Porquê?*

— *Porquê? Você não devia estar no ensaio das comemorações?*

— *Para comemorar o quê?*

— *A independência! Ou não está feliz com a independência?*

Meu pai não respondeu. Ele queria dizer que a independência que mais vale é aquela que está dentro de nós. O que lhe apetecia celebrar era o vivermos por nosso mando e gosto. [...] (p. 70-1)

PÓS-LEITURA

LIRISMO EM IMAGENS: ARTICULAÇÃO COM LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais indivi-

duais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

Uma das atividades sugeridas na fase de pré-leitura das atividades de Língua Portuguesa foi a exploração da capa (*p. 14 deste material*). Conforme comentamos, antes de ler o romance, é possível identificar a presença de cores e formas que remetem ao rio, à terra e também à África e criar hipóteses para a presença das enxadas e pás. No entanto, a interpretação para a personalização desses instrumentos só pode ser feita depois da leitura.

A personalização é um dos recursos explorados pelo autor para a construção do fantástico no romance. Nos fragmentos a seguir, por exemplo, a casa desafia, a terra faz uma desforra e o rio está tristonho. Os elementos da natureza sentem, agem e reagem, como personagens a chamar a atenção dos humanos para o fato de que estão ali, no centro do conflito, e precisam ser cuidados e considerados.

O rio estava tristonho que ela nunca vira. Lhe atirara aquela alegria. Para que as águas recordassem e fluíssem divinas graças. (p. 19)

[...] A grande casa está defronte a mim, desafiando-me como uma mulher. Uma vez mais, matrona e soberana, a Nyumba-Kaya se ergue de encontro ao tempo. [...] (p. 27)

[...] O que estava sucedendo naquele cemitério era desforra da terra sobre os homens.

— *Desforra da terra?* — perguntei.

— *Não sabe? A terra morre como a pessoa.* (p. 180)

Depois de ler o romance, os estudantes, familiarizados com esses recursos estilísticos, tão próprios da prosa poética do autor, conhecendo os detalhes do enredo, podem fruir e apreciar esteticamente a capa e refletir sobre o trabalho de Angelo Abu, que criou a ilustração da capa. Esse pode ser o momento de ler um texto em que ele comenta o trabalho específico com a capa deste livro:

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* a presença constante do homem à espera de seu enterro demandava por si alguma forma de representação simbólica. Mas quando, em determinado momento da história, a terra se recusa a se deixar cavar, foi que a pá me surgiu como totem. Cavar uma simples cova se tornou quase uma batalha, física e espiritual. Assim as pás acabaram se desdobrando em variadas formas, algumas meio lança, outras meio carrancas... Ferramentas diversas para cavar nos mais variados planos entre a vida e a morte. As tiras horizontais azuis remetem ao rio-tempo do título, fluxo da vida. (ABU, 2016)

Depois de voltar à capa, nessa segunda fase da apreciação, os estudantes podem ser desafiados a retomar o diário de leitura e escolher um dos fragmentos selecionados, ou mesmo uma das perguntas ou inquietações registradas, para produzir uma ilustração. Um caminho possível para esse trabalho seria:

- Estudantes selecionam o fragmento que desejam ilustrar e compartilham em grupo, expondo as razões da escolha, as ideias que o fragmento inspira, as imagens, formas e cores que evoca.
- Nos grupos, trocam ideias sobre os caminhos para articular o texto e a imagem. A produção pode ser individual, fruto das decisões tomadas coletivamente.
- O professor de arte pode oferecer materiais que apoiem os estudantes nessa decisão. Por exemplo: fotografias de Moçambique, imagens de capulanas (tecidos típicos da região) ou navegação por sites que divulguem a produção de artistas moçambicanos, como estes (acessos em: 5 dez. 2020):
 - Pintura: www.youtube.com/watch?v=hd7rZllaDo8&feature=youtu.be
 - Cerâmica: www.kulungwana.org.mz/Artistas2/Reinata2/Biografia
 - Desenho e pintura: www.kulungwana.org.mz/Exposicoes/Colecao-Crescente/Mankew2/Biografia
 - Escultura: www.kulungwana.org.mz/Artistas2/Casimiro-Langa2/Biografia

Professores e estudantes podem pensar juntos em uma boa forma de compartilhar o resultado do trabalho com a comunidade escolar. Uma possibilidade interessante seria montar uma exposição associada ao sarau sugerido anteriormente, na p. 25 deste material.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* tem início com o chamado de Mariano a Luar-do-Chão, depois de anos de ausência. Atender a esse chamado implica transitar por dois espaços: a cidade, para onde se mudou a fim de estudar, e a ilha onde nasceu. Cruzar o rio que leva à ilha configura-se, também, como uma viagem no tempo: o regresso à terra natal para os funerais do avô será marcado pela reconciliação entre passado e presente. No barco que o conduz ao início da jornada, Mariano reflete sobre uma terceira travessia: da vida à morte e da morte a outra vida. A narrativa se constrói no cruzamento dessas fronteiras, que acabam por configurar, inclusive, os traços estruturantes do fantástico no romance.

Tão logo chega a Luar-do-Chão, Mariano é informado sobre as circunstâncias inusitadas da morte do avô. “O falecido estava com dificuldade de transição, encravado na fronteira entre os mundos” (p. 39). A família buscou, em vão, solução na medicina. Diagnosticado pelo médico como “portador assintomático da vida” (p. 35), o paciente seguia impedido de fazer a passagem para o mundo dos mortos. Nesse ponto, o leitor pode suspeitar de que se trata de um estado de coma, descrito de forma criativa, poética, ou pode desconfiar de uma ocorrência sobrenatural. Um pouco adiante, o fato insólito adquire uma camada de mistério: Mariano é surpreendido por uma carta apócrifa, que o alerta sobre desafios que enfrentará e antecipa que ele está diante de uma missão que envolve os vivos e os mortos. O jovem é, então, assaltado por dúvidas:

Quem escrevera aquilo? Quando tento reler uma tontura me atravessa: aquela é a minha própria letra com todos os tiques e retiques. Quem fora, então? Alguém com letra igual à minha. Podia ser um, entre tantos parentes. Caligrafia não é hereditária como o sangue? (p. 54)

Os questionamentos do personagem são compartilhados pelos leitores, que também fazem perguntas: Ele está sonhando? Está imaginando? Ou o romance está propondo um pacto de leitura diferente, baseado em regras distintas daquelas que organizam o nosso mundo? Essa hesitação do leitor é um dos elementos que contribuem com a construção do fantástico na literatura, conforme esclarece o teórico Tzvetan Todorov:

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sífides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente aconteceu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. O diabo é uma ilusão, um ser imaginário ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos. [...] O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (2004, p. 30-1)

A segunda carta aparece na cabeceira da cama e a terceira chega no meio da noite, de modo misterioso, reforçando a impressão de que o acontecimento é “aparentemente sobrenatural”:

Acordo no meio da noite. Pareceu-me escutar um ruído. Na obscuridade adivinho um vulto. Levanto-me, percorro o quarto, ninguém. Talvez fosse a cortina, almeada pelo vento. Desde o episódio do quarto de arrumos que eu ardo em esperança de ser visitado pela anónima mulher. Que ela, uma vez mais, me desembrulhasse em prazeres, suores e gemidos. Acendo o candeeiro e vejo que, no chão, flutua um papel. Mais uma carta? Debruço-me e leio. É um simples bilhete, desta vez. Abruptamente terminado como se o misterioso autor tivesse sido obrigado a interromper a redação. [...] (p. 123)

O ambiente é propício à incerteza: é noite, há pouca luz, o vento produz ruídos. O discurso da personagem é marcado por expressões que indicam hesitação: “pareceu-me”, “talvez”, “como se”. Períodos curtos comunicam ações entrecortadas, típicas de quem está tentando entender o que se passa, sem conseguir conectar muitos fatos. Uma pergunta explicita o esforço do personagem para dar sentido ao que acontece: “Mais uma carta?”. Depois de ler, Mariano questiona a autoria do texto, levanta e descarta hipóteses e, por fim, conclui que “o provável, no caso, era o impossível” (p. 124). O provável autor, o avô, era o impossível, porque ele estava

morto. Essa frase sintetiza o cerne do fantástico: a realidade parece oscilar entre dois níveis inconciliáveis (CALVINO, 2004, p. 10).

Com a chegada da quarta carta, o fantástico, que até então vinha sendo uma suspeita cada vez mais forte, instala-se definitivamente: o avô assume a autoria das missivas e explica por quê, entre os meios de que dispunha para comunicar-se com o neto, este se revelou o mais eficaz.

Por que razão escrevo? Porquê não lhe apareço em voz, falando dentro de sua cabeça? Escrevo porque assim tem mais distância. Eu podia falar-lhe, enquanto você espreita na sala sem teto. Mas já não tenho voz que seja visível. E depois sofro de um medo: soltar o suspiro finalíssimo perto de si. Você corria o risco de me acompanhar nesse desfiladeiro. Assim eu uso a sua mão, vou na sua caligrafia, para dizer as minhas razões. Sou como o besouro. Abro as asas, as de fora, só para perder resguardo. Porque lá dentro, bem ocultas, estão as outras asas, as voáveis, essas que me levam para além de mim. [p. 137]

O romance passa, então, a ser narrado por duas vozes conhecidas: Dito Mariano traz informações sobre o passado e Mariano se ocupa do presente. Cabe ao leitor aceitar o pacto e transitar pelos dois níveis de realidade: o nível dos vivos e o dos mortos. Por meio das cartas, protagonista e leitores conhecem juntos as histórias da terra e dos homens e se tornam cúmplices das revelações e das orientações para os procedimentos que podem reverter a morte de Luar-do-Chão e assegurar que o avô possa fazer “a derradeira travessia”. Mariano ouviu “a voz da terra, o sotaque do rio” e, assim, conectou-se com a sua ancestralidade. Para tanto, foi preciso aceitar o jogo proposto pelo elemento fantástico. Os leitores, cúmplices dessa aliança entre vivos e mortos, saem da leitura enriquecidos pela possibilidade de transitar com Mariano pelas águas desse rio chamado tempo, pelos cômodos dessa casa chamada África.

Segundo Mia Couto, a alusão ao sobrenatural é parte do modo de entender e explicar o mundo em algumas regiões de sua terra natal. Ele cresceu ouvindo histórias insólitas que influenciaram sua prosa, como se pode notar neste fragmento de uma conferência que o autor proferiu no Rio de Janeiro, em 2013.

Se perguntarem a um camponês moçambicano o que é o tempo, ele responde: o tempo é uma cobra que come a sua própria cauda. Se perguntarem a

esse mesmo camponês sobre a origem do mundo ele responde, sem nenhuma angústia metafísica: o mundo não teve princípio porque sempre existiu. A sociedade rural moçambicana é dominada pela ideia de um Tempo circular que é bem distinto do tempo linear, sequencial e cronológico. Nesta dimensão circular do Tempo, os mortos não morrem nunca e quem nasce apenas renasce. Neste sentimento do mundo, nós somos os nossos próprios antepassados. (2019, p. 201)

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Sugerimos a seguir materiais que podem enriquecer a leitura de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, por possibilitarem a ampliação de referências sobre Mia Couto e sobre o contexto de produção do romance.

Entrevista: “Áfricas entre nós”. Entrevista de Alberto Costa e Silva a Lilia Schwarcz, Canal Futura, 14min29s.

Disponível em: www.youtube.com/watch?v=o9mDEqysK0E. Acesso em: 31 out. 2020.

Em entrevista à professora Lilia Moritz Schwarcz, o historiador, embaixador e poeta Alberto da Costa e Silva, vencedor do Prêmio Camões 2014, comenta o histórico do intercâmbio cultural e de produtos entre Brasil e diversos países da África ao longo dos tempos.

Áudio: “Mia Couto e Lenna Bahule”. Episódio da Rádio Companhia, 10 maio 2018.

Disponível em: www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Radio-Companhia-49-Mia-Couto-e-Lenna-Bahule. Acesso em: 31 out. 2020.

Neste evento de lançamento do livro *O bebedor de horizontes*, a leitura de fragmentos do romance é intercalada pela apresentação da cantora moçambicana Lenna Bahule e por comentários de Mia Couto. No mesmo link também há o vídeo com o registro do evento dessa grande noite moçambicana.

Entrevista em vídeo: “A língua, a literatura e a vida em Moçambique”. Com José Orenstein. *Nexo*, 21min32s. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=iQzUy7HQzel&feature=youtu.be. Acesso em: 31 out. 2020.

Mia Couto comenta a influência que a língua portuguesa brasileira exerceu sobre a língua portuguesa moçambicana. Discorre também sobre a relação atual dos moçambicanos com o idioma, que já não é visto como a língua do colonizador, e alerta sobre a importância da preservação das línguas de raiz bantu em Moçambique. Fala também sobre identidade racial e sobre seu processo de criação literária.

Entrevista: “Mia Couto: ‘Doeu ver como África e Moçambique ficaram tão distantes do Brasil’”. *El País*, 2 maio 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/>

brasil/2019/04/18/cultura/1555598858_754829.html. Acesso em: 6 dez. 2020.
Mia Couto comenta a obra de Guimarães Rosa e o modo como o prosador brasileiro o influenciou. Discorre sobre sua relação com o lugar onde nasceu e cresceu e explica o impacto do ciclone Idai sobre a região da Beira, em 2019.

Fundação Fernando Leite Couto, sediada em Maputo, Moçambique. Disponível em: **www.fflc.org.mz**. Acesso em: 6 dez. 2020.

Criada por Mia Couto e seus irmãos para dar continuidade ao trabalho de promoção cultural iniciado pelo pai, a Fundação Fernando Leite Couto promove eventos literários, musicais e teatrais, exposições e saraus, configurando-se como um espaço cultural, educacional, artístico e filantrópico, com destaque para a promoção da literatura e o apoio a jovens talentos moçambicanos.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Nos quatro artigos que compõem a obra, a acadêmica e crítica literária argentina Cecilia Bajour discute temas relacionados à mediação de leitura, especialmente o valor da discussão literária e da escuta como prática pedagógica. Segundo a autora, para que a discussão literária aconteça de forma produtiva, é importante que seja feito um bom planejamento, que sejam pensadas boas pautas, e é igualmente relevante que o docente saiba ouvir e saiba ensinar o estudante a ouvir e valorizar o que dizem outros leitores.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece

conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

BRASIL. Ministério da Educação. *Referenciais curriculares para elaboração de itinerários formativos*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2019.

Documento que estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos, conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio. Descreve os eixos estruturantes dos itinerários e as habilidades relacionadas a cada eixo.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

Esta introdução ao estudo da personagem orienta o leitor na reflexão sobre o que são e como podem ser as personagens de ficção. A perspectiva teórica é articulada à análise de diversos exemplos de personagens clássicos da literatura brasileira. O capítulo final traz depoimentos de escritores comentando seus processos de criação de personagens.

CALVINO, Italo (org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Antologia formada por 26 contos selecionados por Italo Calvino, que também assina a introdução e um breve comentário para apresentar cada texto, sugerindo caminhos para a interpretação e destacando o valor literário da narrativa. Reúne clássicos do gênero, como “O nariz”, de Nikolai Gogol, “O homem de areia”, de E. T. A. Hoffmann, “A noite”, de Guy Maupassant, entre outras produções de renomados autores da literatura mundial.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece importantes considerações sobre aspectos que devem ser levados em conta no planejamento de atividades que envolvam

a leitura autônoma, a leitura compartilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, o livro se configura como uma importante referência para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

COUTO, Mia. *O universo num grão de areia*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2019.

Coletânea de ensaios e comunicações que expressam a reflexão crítica de Mia Couto acerca de questões de seu tempo. Aborda temas da esfera da política, antropologia, cultura, arte, literatura e biologia.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Nesta coletânea de ensaios, a professora e pesquisadora Leyla Perrone-Moysés analisa aspectos da produção literária e do ensino de literatura nos tempos atuais. Como o próprio título sugere, ela se concentra nas mutações que a literatura vem sofrendo e analisa tendências contemporâneas na produção, na crítica literária e no ensino.

SCALZARETTO, Reinaldo; MAGNOLLI, Demétrio. *Atlas: geopolítica*. São Paulo: Scipione, 1996.

Partindo da realidade do período posterior à Primeira Guerra Mundial, este atlas apresenta o panorama geopolítico do mundo, organizado cronologicamente e por região. Contribui para a busca de informações sobre a descolonização africana e a socialização das ex-colônias portuguesas, processos que se relacionam com o enredo do romance de Mia Couto.

TODOROV, Tzevan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Partindo de uma revisão da Teoria dos Gêneros, o autor define o fantástico pelo preenchimento de três condições: o mundo das personagens, a hesitação entre o natural e o sobrenatural e a escolha feita pelo leitor sobre o modo como vai ler e interpretar os acontecimentos. O capítulo 2 (“Definição de fantástico”) oferece contribuições interessantes para a reflexão sobre a presença de elementos fantásticos no romance de Mia Couto.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Referencial teórico importante para o estudo do surgimento e da ascensão do mais popular dos gêneros: o romance. Ao longo do volume, Ian Watt examina as razões que contribuíram para a popularidade do gênero e identifica a ascensão da classe média, o individualismo econômico, a secularização da sociedade e as mudanças ocorridas no público leitor como as principais causas da ascensão e consagração do romance.

OBRAS CITADAS

ABU, Angelo. “Capas de dentro”. *Blog da Companhia*, 23 set. 2016. Disponível em: www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Capas-de-dentro. Acesso em: 20 out. 2020.)

BRITTO, Percival Leme. “Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor”. In: GARCIA, Edson Gabriel (org.). *Prazer em ler*. Vol. 2. São Paulo: Instituto C&A, 2007.

CALVINO, Italo (org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COUTO, Mia. “Aprender a sonhar”. In: *O universo num grão de areia*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2019. p. 250

_____. “Nas pegadas de Rosa”. *Scripta*, v. 2, n. 3, 1998, p. 11-3. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10213>. Acesso em: 6 dez. 2020.

_____. “Os templos do tempo”. In: *O universo num grão de areia*. Maputo: Fundação Fernando Leite Couto, 2019.

MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. “Matutuine acolhe celebração do dia internacional da língua materna”. Disponível em:

<http://mined.gov.mz/Pages/Comentarios.aspx?listName=NoticiasMined&newsId=361>.

Acesso em: 5 dez. 2020.

OLIVEIRA, Joana. “Mia Couto: ‘Doeu ver como África e Moçambique ficaram tão distantes do Brasil’”. *El País*, 2 maio 2019. Disponível em: **https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/cultura/1555598858_754829.html**. Acesso em: 6 dez. 2020.